



EDTE MARTINS, primeira moradora, ainda lembra a felicidade ao ver Ceilândia ser asfaltada

"Esta cidade foi uma bênção"

A dona de casa Edte Martins Farias, 61 anos, foi a primeira moradora de Ceilândia. Criou quatro filhos, enterrou um, casou, separou e casou novamente na cidade. Andou na lama, respirou poeira, esfregou muita roupa encardida pela terra vermelha. Sofreu com a falta de luz e água, mas, 31 anos depois, garante que tudo valeu a pena. "Desde a construção, esta cidade foi uma bênção. Acompanhei o crescimento e acho que ela está muito mais bonita do que imaginava", diz.

Ela nasceu no interior do Espírito Santo, chegou em Brasília em 1963 para o casamento do primo, gostou da nova capital e resolveu ficar. Passou oito anos "amontoadá" com outras famílias na Vila Iapeí e não esquece do dia em que subiu no caminhão com a mudança e os filhos rumo a Ceilândia. "Construí o barraco em três dias aproveitando até os pregos do antigo. Naquele dia não acreditava que Ceilândia ficaria tão grande", lembra.

Sem hesitar, Edte conta que, quando chegou em 1971, o Cerrado predomina-

Radiografia

População: 400 mil

População Economicamente

Ativa: 162 mil

Eleitores: 259 mil

Igrejas: 180 templos

Bancos: 14 agências

Residências: 86.941

Feiras: 6

Escolas públicas: 83

Escolas particulares: 37

Hospital público: 1

Postos de Saúde: 12

Delegacias de Polícia: 4

Comércio: 4.800

Indústrias: 900

Fonte: Acic

va. Ela diz que gosta de ficar andando e observando o comércio e vendo como tudo cresceu. "Lembro da felicidade que senti, quando o asfalto chegou", afirma.

Também não se importa de não conhecer mais toda a vizinhança. Na mesma época que Edte, chegaram outras nove famílias, os filhos brincaram juntos e os moradores da cidade eram conhecidos pelo nome.

"Conheço muita gente, mas a maioria dos rostos é desconhecida. Sabe de uma coisa? Eu gosto assim", garante com simpatia.

Quase tudo ainda tem gostinho de novidade para Edte. Ela se anima com o grande movimento de pedestres e automóveis nas

ruas de Ceilândia e ri quando fala do comércio, além de sempre contar a rotina diária com empolgação.

Quando não tem o que fazer, vai passear entre as avenidas e olhar as lojas, mas a diversão preferida desta senhora parte capixaba, parte ceilandense, é visitar a Roda dos Cantadores. "Sempre venho ver. Adoro quando juntam os repentistas com os outros músicos", garante.

Edte conta que não sofreu com a violência, ex-estigma da cidade. Nunca foi assaltada, mas fica feliz por ver o rótulo da violência cedendo espaço para o de uma cidade com a economia forte e até brinca, dizendo que, futuramente, Ceilândia será a Hong Kong do Cerrado.